

Sindicatos não querem abrandar

Nos países com modelos tradicionais de sindicalismo e onde a economia é muito desenvolvida, o desaquecimento da economia e, principalmente, a recessão econômica, fazem com que os sindicatos reduzam suas atividades. Isso é, em tempo de crise, ao invés reivindicar grandes reajustes de salários, o melhor é tentar garantir o emprego, fonte de sobrevivência.

No Brasil, o sindicalismo não segue os mesmos passos (combatividade e representatividade) do sindicalismo europeu nem a economia é avançada. Mesmo assim, a retração dos sindicatos em tempo de crise é comum, como são tão comuns as crises brasileiras. Um exemplo recente foi o fechamento de acordo salarial entre os metalúrgicos do ABC e as montadoras, sem greve e com um percentual de aumento real de apenas cinco por cento. "A indústria está em recessão. Seria suicídio tentar uma greve com o risco de muitas demissões", justificou-se o presidente da CUT, Jair Meneghelli.

Diferentemente do que ocorre no setor privado, entretanto, as greves agitam o setor público, cujos funcionários exigem a recomposição do seu poder de compra.

Nos Estados, a situação é mais crítica, porque os governos se recusam a pagar os reajustes pelo gatilho salarial.